



Clarice Lispector e seus interlocutores em *Fatos & Fotos/Gente*

SILVA, Paulo Felipe Costa (graduando)¹
Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG)

NUNES, Aparecida Maria (Profa. Dra.)²
Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG)

Resumo: A escritora Clarice Lispector realizou trabalhos como entrevistadora para *Fatos & Fotos/Gente*, publicação da editora Bloch, entre dezembro de 1976 e outubro de 1977. Essas entrevistas, que, em certo sentido, darão continuidade às realizadas para *Manchete*, publicadas aproximadamente dez anos antes, são caracterizadas pelo estilo predominantemente pessoal empregado pela ficcionista. Clarice, em certos casos, parece adequar-se à denominada “linha editorial” prescrita por *Fatos & Fotos*; mas, em outros, procura maneiras de se distanciar dessa. O presente trabalho, portanto, tem o intuito de encontrar respostas a tais comportamentos, além de examinar a maneira pela qual a entrevistadora os realiza. Para isso, serão considerados os estudos de Carla Mühlhaus, Donis A. Dondis, Aparecida Maria Nunes, Maria Celestre Mira e Nádia Batella Gotlib, entre outros.

Palavras-chave: Literatura e Jornalismo; Clarice Lispector; *Fatos & Fotos/Gente*; Gênero entrevista.

Introdução

A escritora Clarice Lispector deixou a seus leitores vasta e importante produção destinada à imprensa, atividade essa presente durante toda sua vida e realizada de forma paralela às narrativas ficcionais. É possível constatar, inclusive, que literatura e jornalismo acabam por encontrar-se em muitos desses momentos: quando Clarice publica, por exemplo, os primeiros trabalhos de ficção em revistas e jornais, como o conto *Triunfo*, para a revista *Pan*, em 1940³; e, décadas depois, quando publica crônicas para o Caderno B do *Jornal do Brasil*, de 1967 a 1973. Além desses casos, de igual relevância, a escritora também desempenhou atividades enquanto repórter; colunista de

¹ Bolsista de Iniciação Científica pela Fapemig. Atualmente é aluno do curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas. Emeio: paulocostas@mail.com.

² Professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Alfenas. Pioneira nos estudos sobre Clarice Lispector jornalista. Emeio: cydamaria@gmail.com.

³ Cf. NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

página feminina, utilizando pseudônimos; e, ainda, como entrevistadora.

No que concerne a essa “Clarice-que-entrevista”, é possível situá-la brevemente, em quatro momentos: (I) a repórter que estreia na imprensa carioca entrevistando, em dezembro de 1940, Tasso da Silveira, editor de *Pan*, entrevista essa marcada, conforme Nunes (2006), pelo texto narrado em primeira pessoa, através do qual Clarice atribui características peculiares a seu interlocutor; (II) a entrevistadora da seção “Diálogos possíveis com Clarice Lispector” em *Manchete*, da Bloch Editores, entre os anos de 1968 e 1969, sob a qual foram publicadas sessenta entrevistas; (III) a entrevistadora que assina a coletânea *De corpo inteiro* (1975) que reúne seleção de alguns “diálogos possíveis” publicados em *Manchete* e outros realizados de maneira exclusiva para o livro, idealizado por Álvaro Pacheco; e (IV) a entrevistadora de *Fatos & Fotos/Gente*, publicação pertencente também ao grupo Bloch, na qual Clarice colaborou produzindo 27 entrevistas no período de dezembro de 1976 a outubro de 1977.

As entrevistas para *Fatos & Fotos/Gente*, corpus de pesquisa deste trabalho, seguem os “moldes” das de *Manchete*, seja na escolha de seus interlocutores, seja na escolha do estilo do texto da entrevista e da linguagem empregada. Clarice Lispector realiza entrevistas com personalidades diversas, a exemplo do que fez nos anos sessenta, conversando com artistas e ministros; empresários e atores, entre outros. A escritora mantém o estilo perguntas-e-respostas, dividindo o texto das entrevistas em três partes: *introdução*, na qual se evidencia, na maioria dos casos, a referida “perspectiva pessoal” da entrevistadora; *perguntas-e-respostas* articuladas a fim de oferecer maior “autonomia” às declarações realizadas pelo entrevistado; e, em alguns casos, a *conclusão*. É preciso mencionar que, durante o processo das perguntas-e-respostas, a escritora introduz comentários entre parênteses ou trechos predominantemente em narração direta, em primeira pessoa, nos quais, como na introdução, Clarice descreve o momento da entrevista e o entrevistado, comenta alguma declaração de seu interlocutor e, ocasionalmente, reflete acerca de si própria.

Embora esses dois momentos enquanto entrevistadora para a empresa Bloch também se refiram ao modo peculiar utilizado pela escritora, aos 20 anos de idade, como “foca” da revista *Vamos Ler!*, ao entrevistar Tasso da Silveira, considera-se importante diferenciar as “Clarices” presentes em *Manchete* e *Fatos & Fotos/Gente*. Entre os anos de 1968 e 1969, concomitantemente à veiculação dos “diálogos” para

Manchete, Lispector publica *A mulher que matou os peixes* e *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Observa-se por esses tempos uma intelectual envolvida, em conjunto com outras personalidades e artistas, em manifestações políticas, como a “Passeata dos cem mil”, em junho de 1968⁴. Esse cenário histórico e o engajamento de Clarice em questões, sobretudo, de liberdade de expressão, resultam, no caso das entrevistas que a escritora realizou para *Manchete*, em perguntas, por exemplo, relacionadas aos jovens estudantes do período⁵. Em contrapartida, anos mais tarde, entre 1976 e 1977, simultaneamente ao trabalho jornalístico em *Fatos & Fotos*, Clarice lança seu último romance, *A hora da estrela*. Mas, apesar da produtividade jornalística e ficcional dos últimos anos de vida de Clarice, pois falece em dezembro de 1977, a autora de *Água viva* se declara “cansada”, conforme revelou ao programa “Panorama especial”, da TV Cultura de São Paulo, em fevereiro de 1977⁶. E devido a esse “cansaço”, supõe-se, considerando as duas fases na Bloch Editores, que a Clarice de *Manchete* apresenta maior profundidade e envolvimento na série dos “diálogos possíveis”, em detrimento das entrevistas feitas para *Fatos & Fotos*. Assim, do mesmo modo que o contexto biográfico pode motivar certos aspectos de crítica nas entrevistas para *Manchete*; em *Fatos & Fotos/Gente*, não poderia ser de outra maneira.

Essa diferença entre períodos mostra-se relevante no sentido de que, somada a outros fatores, problematiza a análise das entrevistas para ambas as publicações da Bloch Editores. A principal constatação acerca das entrevistas de Clarice Lispector é a de que a escritora buscava o “diálogo caloroso” com seus entrevistados, sendo mencionado textualmente pela própria, em *Fatos & Fotos*⁷. Tendo em vista, além disso, o título “Diálogos possíveis com Clarice Lispector” de *Manchete*, não se torna difícil investigar a dimensão do diálogo nesse ofício pela escritora, sendo muitas vezes os tais

⁴ O ano de 1968 foi politicamente (e violentamente) conturbado no Brasil. Encadeada pelo assassinato do estudante Edson Luis no Restaurante Calabouço, em março, no Rio de Janeiro, a repressão policial às manifestações estudantis recorrentes culminou na “Passeata dos cem mil”, que reuniu artistas, intelectuais, populares, estudantes e o clero a fim de reivindicar os direitos dos jovens e manifestar repúdio à ditadura militar vigente àquela altura. Cf. *Ano 1968*. Disponível em: <http://www.vladimirpalmeira.com.br/ano1968_1.html>. Acesso em 30/III/2013; e VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

⁵ As entrevistas com Oscar Niemayer (no. 846 – 06/6/1968), Chico Buarque (no. 856 – 14/9/1968) e Tom Jobim (no. 857 – 21/9/1968) em *Manchete*, por exemplo, apresentam perguntas com essa temática.

⁶ Cf. GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 443.

⁷ A expressão “diálogo caloroso” foi utilizada por Clarice na ocasião da derradeira entrevista, com Flora de Morgan Snell, que será analisada neste trabalho.

“diálogos possíveis” cotejados com o “diálogo possível”⁸ preconizado por Cremilda Medina. Outro fator que talvez contribua de maneira incisiva para corroborar a assertiva em relação ao diálogo são as publicações *De corpo inteiro*⁹ (1975, já citado) e *Clarice Lispector – Entrevistas* (2007), antologias de entrevistas claricianas as quais, como no segundo caso mencionado, a linha editorial não leva em consideração o período histórico/biográfico em que as entrevistas foram realizadas nem a preocupação de separá-las cronologicamente. E, finalmente, para deixar a questão ainda mais incisiva, determinadas entrevistas¹⁰ veiculadas em *Manchete* e/ou em *De corpo inteiro* são “reaproveitadas” em *Fatos & Fotos*, sofrendo alterações no que diz respeito à linguagem e, em alguns casos, sendo “atualizadas” com perguntas novas.

Considerando todas essas informações e, principalmente, a análise efetuada nesta pesquisa das 27 entrevistas para *Fatos & Fotos/Gente*, foi possível perceber que a questão dialógica não é o principal fator para se compreender a “Clarice-entrevistadora”, uma vez que o tão desejável “diálogo possível” não se constitui aspecto determinante no resultado final do texto nem mesmo está presente em todas as entrevistas claricianas. É interessante notar que o diálogo que se presume em uma entrevista não é o mesmo diálogo em que interlocutores trocam ideias e interagem de maneira descompromissada. No caso do gênero entrevista, por mais que o entrevistador se insira no texto de maneira pessoal, caso de Clarice Lispector, o entrevistado ainda precisa se manter “protagonista” nesse tipo de texto jornalístico. Se se invertem os planos, ou seja, o entrevistador em primeiro, o tema em segundo e o entrevistado em terceiro, conforme afirma Sherwood em *A entrevista jornalística*, o repórter “está fadado a realizar péssima entrevista” (1981, p. 20). Nas conversas travadas por Clarice, mesmo que sob a perspectiva pessoal da entrevistadora, a principal leitura refere-se, sobretudo, ao entrevistado e seu tema, enquanto personalidade.

Dessa forma, conclui-se que o estilo pessoal ou subjetivo de linguagem – sendo reflexo, talvez, da visão de mundo da escritora – é o principal elemento que caracteriza

⁸ Cf. MEDINA, Cremilda. *Entrevista – o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1995.

⁹ A obra *De corpo inteiro* foi publicada pela primeira vez em 1975 pela editora Artenova, reunindo 32 entrevistas publicadas em *Manchete* e no *Jornal do Brasil*, incluindo-se aí aquelas realizadas exclusivamente para o livro. Anos mais tarde, em 1999, a editora Rocco relança tal coletânea, mantendo as conversas originais da primeira edição, para removê-la de catálogo, já em 2007, ao lançar *Clarice Lispector – Entrevistas*, publicando algumas ainda inéditas em livro.

¹⁰ Nesse caso, “repetem-se” as entrevistas com os pintores Carlos Seliar e Iberê Camargo, e com o psicanalista e poeta Hélio Pellegrino.

a “Clarice-entrevistadora”. A partir dessa constatação, mostrou-se viável a separação das 27 entrevistas claricianas, da última fase, em três grupos¹¹, que, por sua vez, demonstrassem esse modo peculiar de entrevistar ou comportamento empregado por Clarice Lispector e seus resultados: o primeiro grupo, predominante, representado por 20 conversas, é intitulado “perfil correlacional”, uma vez que se identificou nesses trabalhos a busca da entrevistadora por expor o lado humano do entrevistado a partir das atividades profissionais do mesmo, em espécie de correlação. Para realizar tal intuito, a entrevistadora, mediante as perguntas, expunha-se com a finalidade de que o entrevistado respondesse à altura dessa “confissão”. Nesse grupo, sim, é plausível afirmar que, quando há esse movimento de exposição da entrevistadora, aliada à investigação por características pessoais do interlocutor a partir das atividades profissionais desse, constata-se a presença do “diálogo possível” nesses trabalhos. E talvez devido à predominância desse grupo, considere-se o diálogo como principal característica atribuída aos textos de entrevista de Clarice. O segundo perfil, denominado “entrevistas pessoais”, por sua vez, é assinalado pelo fato de a entrevistadora realizar perguntas estritamente pessoais, pautadas nos hábitos e modos de ser do entrevistado. Esse grupo abrange três entrevistas. E o terceiro e último perfil, finalmente, é denominado “perfil exceção”, uma vez que caracteriza entrevistas que destoam dos perfis citados. Nesse caso, estão presentes quatro conversas.

Essa divisão em perfis ou grupos deveu-se à dificuldade em tecer afirmativas que levassem em conta a unicidade e o caráter circunstancial de cada entrevista, e que também considerassem o temperamento idiossincrático da entrevistadora. Esse “temperamento clariciano” talvez se deva ao provável “cansaço” e “impaciência” da entrevistadora em fase conturbada da vida, inclusive motivada por problemas de saúde – conforme se mencionou anteriormente. Mas é fato que interfere diretamente no trabalho jornalístico, a ponto de se questionar em que medida Clarice Lispector se adéqua às recomendações ou à “linha editorial” de *Fatos & Fotos/Gente*. Suscitar algumas respostas a tais questionamentos é a proposta deste trabalho, portanto. Para isso, foram selecionadas três entrevistas: a com o amigo Rubem Braga (classificada como

¹¹ Os termos a seguir foram criados pelo autor deste trabalho em outras produções, também enquanto bolsista de Iniciação Científica da Fapemig, examinando as entrevistas de Clarice Lispector para *Fatos & Fotos/Gente*, em consonância com a linha de pesquisa Literatura e jornalismo em Clarice Lispector, da professora Aparecida Maria Nunes.

“entrevista correlacional”); a com o ator e cineasta Jece Valadão (que também pertence ao grupo mencionado, embora o entrevistado não possua vínculos com a escritora); e a conversa com a artista plástica Flora de Morgan Snell, a última da série, integrante das “entrevistas exceção”. Aliadas a estudos de Donis A. Dondis, Carla Mühlhaus e Maria Celeste Mira, espera-se que a análise desses três exemplos apresente respostas para se compreender a “Clarice-entrevistadora”.

Sobre *Fatos & Fotos/Gente*

São poucas as informações disponíveis acerca da revista *Fatos & Fotos*. Pelo que se sabe, tratou-se de publicação semanal de entrevistas e variedades. Cremilda Medina, por exemplo, considerou este periódico da Bloch como “versão cabocla da *Life* norte-americana” (1988, p. 66). Por sua vez, o jornalista Mino Carta, em texto a Luiz Fernando Mercadante e José Hamilton Ribeiro, afirma, em 1972, que

Fatos & Fotos [...] acaba de escolher uma linha popular (*People*) e envergonhado com tal escolha tenta sofisticá-la no tratamento e que, de qualquer modo, vem desorientando seu público com múltiplas mudanças (CARTA, 1972 *apud* MIRA, 2001, pp. 73-74).

O excerto citado, retirado do trabalho de Maria Celeste Mira, *O leitor e a banca de revistas: A segmentação da cultura no século XX*, refere-se à mudança e adaptação das revistas diante do fenômeno da segmentação e da censura pós-AI-5. Contudo, vale comentar que o processo de segmentação é considerado por Mira de maneira “ampla”, consistindo basicamente em “direcionar” essas revistas, “naquilo que as diferenciava umas das outras, ou melhor, qual a especificidade dos leitores de cada uma delas” (*op. cit.*, p. 11).

No caso de *Fatos & Fotos/Gente*, é possível entender que sua criação pela Bloch Editores deveu-se a esse processo, uma vez que, se comparada à revista *Manchete*, a publicação era caracterizada por linguagem popular, com temática voltada para filmes, televisão, artistas populares, entrevistas e assuntos da então atualidade, mas com configuração sofisticada – como no excerto anterior – e linguagem, com certos refinamentos estilísticos. Em outras palavras: uma revista de alcance ainda mais popularesco, mas sem perder o refinamento e o cuidado com a linguagem. O título da revista é simples, talvez genérico, mas define com precisão seu conteúdo: *fatos* da

atualidade que envolvem personalidades, “*gente*”, registrados por reportagens e pelas *fotos* que ocupavam grande parte da página. Com isso, a fotografia, aliada ao texto jornalístico, possuía importância significativa nesses trabalhos que compunham a revista – como era comum em *Realidade*, *O cruzeiro* e, é claro, em *Manchete*¹².

As entrevistas claricianas

Pressupondo-se que *Manchete e Fatos & Fotos* são revistas da Bloch Editores, e que as páginas de entrevista de Clarice Lispector apresentam a mesma estética e concepção, é possível, em paralelo, levar em conta as palavras de Carlos Heitor Cony a Carla Mühlhaus, para o livro *Por trás da entrevista*, acerca das que ele realizou para *Manchete*. A saber:

Cony – [...] E em *Manchete* eu tinha como norma que o entrevistado atrapalhava a entrevista.

Carla – Por quê?

Cony – Por causa da linha editorial da *Manchete*. As entrevistas eram feitas sempre para levantar a bola do entrevistado. Levantamos a bola de Manabu Mabe, Pitanguy, Fittipaldi, Regina Duarte, Roberto Carlos, Jorge Amado. É preciso ver também que essas entrevistas coincidiram com o período da ditadura, quando as pessoas não podiam se manifestar abertamente. Mas havia entrevistados que atrapalhavam muito a entrevista.

Carla – Como assim?

Cony – Porque eram pessoas essencialmente medíocres e eu tinha de produzir um espetáculo em cima delas. As entrevistas que eu fazia geralmente eram de capa, então eu tinha de produzir a entrevista para que ela tivesse um certo impacto. E eles não proporcionavam isso, eram pessoas pobres, diziam banalidades. Eles me atrapalhavam, então eu fazia perguntas e respostas dentro do que eles poderiam ter dito, ou devendo dizer, para poder fazer uma certa produção” (2007, pp. 118-119).

No caso das entrevistas de Clarice para *Fatos & Fotos*, sobretudo quando o entrevistado “não colaborava” para produzir o impacto que a matéria deveria ocasionar na mídia, o procedimento do redator de “levantar a bola do entrevistado”, tratado por Cony, também se aplica. Inclusive, as séries de entrevista realizadas por Clarice, tanto em *Manchete* quanto em *Fatos & Fotos/Gente*, foram produzidas durante o regime militar, o que, de certa maneira, pode nos levar à hipótese de a escritora estar “impossibilitada” de abordar certos assuntos com seus interlocutores. O fato de muitos dos entrevistados pertencerem ao círculo de amigos ou conhecidos da ficcionista, tendo em vista que eram celebridades ou que a percepção hábil de Clarice os transformava em

¹² Cf. MELO, Chico Homem de. *O design gráfico brasileiro: anos 60*; Chico Homem de Melo (Org.). São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 100.

notícia, de alguma forma, se harmonizava com os interesses da linha editorial das revistas da Bloch. A introdução da entrevista com o cronista Rubem Braga corrobora esse argumento:

Até parece que conheço Rubem desde sempre. Gostei dele à primeira vista. Sei coisas a seu respeito. Por exemplo: bondades que faz discretamente, sem pedir nada em troca. Por exemplo: ele é pessoa que perdoa muito e entende tudo e não se faz juiz de ninguém. Ele é corajoso. Simples. Delicado. Ele tem qualquer coisa de rural em si. E foge a tudo o que seja ‘sentimentalismo’ falso. Mas há mil ‘rubens’ dentro de Rubem Braga, é claro, assim como há mil ‘clarices’ em mim. E tanta coisa eu desconheço em Rubem, que era melhor entrevistá-lo de vez. [...] (LISPECTOR, C. *Fatos & Fotos/Gente*, Brasília, n. 827, 27 jun. 1977. pp. 58-59. Entrevista).

Quando a entrevistadora demonstra afeto a seu entrevistado, atribuindo-lhe qualidades, descrevendo-o segundo o próprio ponto de vista, está, pois, “levantando a bola” desse e, assim, compactuando-se com a linha editorial da Bloch, elucidada por Cony. Comparando-se os interlocutores supostos de Cony com os de Lispector¹³, pelo menos no que tange aos amigos-entrevistados, chega-se à conclusão de que a escolha dos entrevistados desta é motivada por critério de relevância cultural ou intelectual no cenário brasileiro, o que nos leva a inferir que a entrevistadora não precisaria criar respostas que “projetassem” seu entrevistado: a introdução tecida pela entrevistadora cumpriria, assim, o seu papel. Uma das perguntas dirigidas a Rubem Braga permite elucidar esse aspecto. A saber:

_ Você acredita em alguma coisa, em política?
Acho que liberdade é essencial. Sou contra toda e qualquer forma de ditadura: de classe, de indivíduo ou de casta. Mas para que dizer isso? Escrevi milhares de crônicas, e não creio que tivessem qualquer influência na vida política de meu país (*ibidem*, p. 59).

A partir da passagem citada, é possível constatar que, diferentemente do que afirmou Cony a respeito de restrições a certos assuntos em consequência de regime ditatorial, o cronista se posiciona sem meias-palavras ao responder a Clarice. Contudo, é preciso levar em conta que, nos anos de 1977, a censura prévia encontrava-se sob

¹³ Conforme a passagem de Cony mencionada, encontram-se presentes nos entrevistados de *Manchete* nomes como Manabu Mabe, Pitanguy, Fittipaldi, Regina Duarte, Roberto Carlos, Jorge Amado – figuras visivelmente populares para a época, as quais Cony possivelmente teria entrevistado. Por outro lado, entre os entrevistados-amigos de Clarice em *Fatos & Fotos/Gente*, há Rubem Braga, Hélio Pellegrino e Carlos Scliar – personalidades pertencentes ao meio cultural e à intelectualidade brasileira, daquele período. Nesse sentido, a presença desses interlocutores nas entrevistas claricianas confere credibilidade e autenticidade às declarações. Contudo, tal afirmativa confirma-se apenas no que concerne a esse tipo de entrevistados, uma vez que constam também, ainda na série de interlocutores para *Fatos & Fotos*, Elke Maravilha e Jece Valadão, figuras populares da época.

processo de “suspensão”¹⁴. Em todo caso, é importante notar que Clarice instiga seu entrevistado a se posicionar mediante o que poderia ser uma pergunta ingênua – “Você acredita em alguma coisa, em política?” – e Rubem, aproveitando a oportunidade, responde de forma incisiva: “Sou contra toda e qualquer forma de ditadura: de classe, de indivíduo ou de casta”.

Em outras entrevistas de Clarice Lispector para *Fatos & Fotos/Gente*, percebe-se certa sutileza na linguagem quanto à discordância de posições expressadas pelo entrevistado. Como a linha editorial preceituava uma entrevista que “levantasse a bola” do interlocutor, certos recursos linguísticos, como o da ironia, são identificáveis, no caso Clarice Lispector. A entrevista com o ator Jece Valadão é exemplo interessante. No discurso apresentado pelo que se pode chamar de “olho”¹⁵, consta a seguinte frase: “Jece Valadão é mais bonito ao vivo do que nos filmes. Segundo Clarice Lispector”¹⁶. Nessa entrevista, é possível destacar os comentários realizados entre parênteses pela escritora, os quais, junto às perguntas, demonstram a perspicácia de Clarice ao entrevistar Valadão. Nesse caso, a entrevistadora formula perguntas que questionam a posição do entrevistado acerca de temas “polêmicos” ou “engajados”, tais como: “Você é uma pessoa interessada em problemas sociais, enfocando sempre o lado marginal de nossa vida?” e “A chanchada é um meio de vida ou estado de espírito? (Por mim é, um meio de ganhar dinheiro explorando os sentimentos chamados baixos do povo)”. Para essa última pergunta, a entrevistadora afirma, denunciando: “Respondeu, evasivamente: ‘A chanchada representou uma fase do cinema brasileiro, por sinal muito importante’”. É possível constatar, a partir do sentido observado na mensagem apresentada pelo “olho” e nas perguntas selecionadas, que, apesar de se manter a aparência da “promoção da figura do entrevistado”, Clarice parece não se sentir confortável em entrevistar Jece Valadão, uma vez que as perguntas dela o colocam em posição desfavorável, o que, de certa maneira, justifica as evasivas. Acompanhemos outro trecho da entrevista, em que

¹⁴ Cf. HABERT, Nadine. *A década de 70 – Apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1996, p. 50.

¹⁵ “Trata-se de uma frase ou um trecho do texto, que se coloca em posição destacada na página, em corpo maior, eventualmente em cor diferente. Tem o objetivo de chamar a atenção do leitor para o ponto, ou os pontos, de mais relevo que aquela matéria contém”. No caso da entrevista com Jece Valadão, o “olho”, ou seja, um dos “pontos de relevo” da entrevista situa-se no alto da página, como espécie de “chamada” para o texto, ressaltando-se, neste caso, a declaração de Clarice Lispector a respeito do entrevistado em questão. Cf. “Manual teórico do jornalismo”. Disponível em: <<http://www.elpais.com.br/elpaisnaescola/arquivos/DicasdeJornalismo.pdf>>. Acesso em 30 abr. 2013.

¹⁶ Para essa passagem e as demais perguntas mencionadas que se seguem, cf. LISPECTOR, C. *Fatos & Fotos/Gente*, Brasília, n. 818, 25 abr. 1977. pp. 42-43. Entrevista.

Clarice tenta minimizar a imagem de cafajeste de Valadão:

_ Eu acho você um perfeito cavalheiro. Mas há quem ache você um cafajeste, outros um artista sério. Qual é a verdade?
'Quem sabe a verdade? Por acaso ela existe ou é apenas o resultado de uma interpretação de cada um?'
_ Você é dado a fossas? E como sai delas?
'Nunca entro em fossas, sempre dou a volta por cima. Por isso não conheço nenhuma fórmula de sair delas'.
(Pensei: mas 'dar a volta por cima' não é exatamente um bom meio de sair delas?) (*ibidem*, p. 42)

Questionar as posições do entrevistado e realizar perguntas que o façam responder evasivamente não parecem intenções de um jornalista que queira promover seu interlocutor enquanto personalidade, mas, talvez, a de expor para o leitor um perfil contraditório. Nesse sentido, quando se afirma “ironia refinada”, quer-se dizer que, em meio a elementos e perguntas que fazem com que se construa um perfil que enalteça a figura do entrevistado, surgem, também, questionamentos sutis da entrevistadora que, em certo sentido, conduzem o leitor a perceber que as respostas do entrevistado não convencem a entrevistadora. As “banalidades” apontadas por Cony não são totalmente mascaradas pelo texto de entrevista de Clarice.

Todavia, há um caso ainda mais evidente no que concerne à posição da “Clarice-entrevistadora” quando um entrevistado não lhe agrada. O caráter de “evidência” dá-se, nessa circunstância, ainda mais visível e preponderante quando se refere inicialmente à linguagem, a ponto de se contrastar dois interesses por meio da linguagem: ao de Clarice Lispector, sendo irônica ao descrever o entrevistado, e a de *Fatos & Fotos/Gente*, ao engrandecê-lo, ao torná-lo notável. É o caso da entrevista com a artista plástica Flora de Morgan Snell, a última da série, realizada poucos meses antes da morte da entrevistadora, em 1977. A seguir, um fragmento da introdução:

A Sr.^a Flora Morgan Snell [*sic*], pintora, figura quase sempre nas colunas sociais dos jornais e revistas, ora por motivo de exposições, ora por motivo de recepções. Aliás, ela própria parece uma figura internacional, lembra boneca estrangeira. Era justo entrevistá-la.
O fotógrafo Marcos Vinício (que é também bom poeta) e eu fomos recebidos no ultra-suntuoso apartamento (Vieira Souto) por mordomo devidamente fardado. Não reparei se usava luvas ou não. Ele, muito moço, parece imbuído de suas altas funções mas tem um olhar inocente. Lembrei-me de que nos livros policiais, especialmente de Agatha Christie, o assassino é quase sempre o mordomo. O mordomo da Sr.^a Snell é o oposto de um assassino: é um leve *robot*. Depois ouvimos o ‘boa-tarde’ da Sr.^a Snell. [...] Durante praticamente toda a entrevista não parou de sorrir. Estava vestida de gaze demasiadamente

lilás, os lábios lilases, as faces lilases, e a sua cabeleira louríssima é muito, muito alta. Ofereceu-nos gentilmente um café. Mas foi lacônica nas respostas (LISPECTOR, C. *Fatos & Fotos/Gente*. Brasília: n. 843, 17 out. 1977, pp. 46-47. Entrevista).

Quando a entrevistadora Clarice Lispector menciona o “papel social” da entrevistada – “figura internacional”, “boneca estrangeira” –, já está dando o tom da entrevista. A partir da forma como apresenta Flora, descreve o ambiente da conversa e os acontecimentos que se sucedem até a chegada da artista para a entrevista. Clarice ressalta em Flora o uso excessivo da cor lilás, a altura do penteado e o sorriso ininterrupto: aspectos esses que são resultado da “apatia”, diga-se, da escritora para com a interlocutora desde os instantes que antecederam a entrevista. Reafirma-se a ironia, neste caso, como recurso, pois em nenhum momento Clarice chega a ser ofensiva, mas enaltece detalhes criteriosos – mencionados acima – para apresentar ao leitor um perfil jocoso da sua interlocutora, que destoava da imagem de Flora que acompanha o texto de Clarice, conforme se pode aferir a seguir:



(Reprodução. *Fatos & Fotos/Gente*. Brasília: Bloch Editores, 1961-1999?. n. 843, 17 out. 1977, p. 46).

A menção ao fotógrafo escalado, Marcos Vinício, não se dá por acaso. Em entrevista, Marcos descreve a situação:

Chegamos lá e era essa figura que está aí [apontando para a foto de Flora reproduzida na revista], com aquele penteado, parecia bolo de noiva. Clarice e eu passamos a achar mutuamente ridícula a figura que se apresentava, e começamos a ficar solidários àquela feição. A Flora, que não era boba,

evidentemente sacou, manteve sua elegância e não se mostrou afetada com aquela situação estranha. E a ideia da foto era que esse cabelo se tornasse uma coisa patética, e eu procurei fazer de modo que essa foto reproduzisse essa aparência, quer dizer, esse cabelo sobre o qual nós criticávamos de maneira tão acerba. Matéria feita. Aí vem a parte triste da história, pelo menos pra mim: passado um tempo, estou na sala dos fotógrafos, no laboratório, e surge um telefonema. ‘Alô?’ Era Clarice: ‘a fotografia não saiu como...’. Não gostou da foto, não ‘tava’ legal, do jeito que ela havia imaginado¹⁷.

A partir dessa declaração, é possível acrescentar mais um elemento à composição da entrevista e descrição irônica realizada pela entrevistadora: a fotografia. Segundo Donis A. Dondis,

os elementos visuais essenciais da fotografia [o tom, a cor, a forma, a textura e a escala] reproduzem o ambiente, e qualquer coisa, com enorme poder de persuasão. O problema do comunicador visual não é permitir que esse poder domine o resultado do *design*, mas controlá-lo e submetê-lo aos objetivos e à atitude do fotógrafo (2007, p. 215).

Tendo em vista os aspectos mencionados, é possível considerar fortemente que a imagem selecionada na edição da entrevista não reproduziu a ideia de “bolo de noiva”, e a menção da “cabeleira muito, muito alta” e, dessa maneira, não correspondeu à ironia manifestada no texto redigido por Clarice. A fotografia pré-concebida em cumplicidade pela escritora e o fotógrafo deveria ressaltar o que a linguagem sutil tentava dizer, em tentativa de reproduzir a entrevista tal qual acontecera. Afinal, como se afirma no último trecho citado, a fotografia, constituída por seus elementos visuais, reproduz “o ambiente, e qualquer coisa, com enorme poder de persuasão”. Caberia ao fotógrafo, portanto, tentar reproduzir a referida cumplicidade dos pontos de vista.

O resultado da foto, entretanto, como se observa na reprodução e no relato do fotógrafo com o parecer clariciano, não saiu como o esperado. O que motivou essa não correspondência fotografia-texto? Acredita-se que a resposta se encontre na própria linha editorial de *Fatos & Fotos/Gente*, de exaltar a figura do entrevistado, como

¹⁷ Entrevista concedida a Aparecida Maria Nunes, Paulo Felipe Costa e Silva e Vanessa Araújo Maganhoto Matos. Rio de Janeiro, out. de 2011. Registro digital (1h43min57seg).

adiantou Cony. A linguagem clariciana, modulada para expressar o nonsense de Flora, permaneceu inalterada, denotando que o texto da entrevista não sofreu edição, embora a fotografia da entrevistada destoasse do ponto-de-vista descrito. A escolha da imagem, é importante esclarecer, não seria responsabilidade de Clarice, uma vez que, caso fosse, se esclareceria o confronto de interesses para aquela publicação – e aqui se constata a presença de interesses divergentes. Além disso, outro elemento que legitima esse contraste também se dá pelo “olho”, como na entrevista com Jece Valadão, e nos trechos descritivos, possivelmente redigidos por editores da revista, como este:

No estranho relacionamento entre autores e respectivas obras, o caso de Snell é dos mais interessantes. Enquanto seus quadros são vigorosos, musculares e enérgicos, ela é gentil, ultrafeminina e extremamente sorridente (*op. cit.*, p. 47).

Na leitura realizada desse último recorte, considera-se que essas descrições, de certa forma, “anulam” o sentido irônico incorporado ao texto introdutório redigido por Clarice, ressignificando os recursos empregados pela entrevistadora para “ridicularizar” Flora. Assim o texto final, tendo em vista todos os elementos expostos aqui, mostra-se ambíguo, pelo menos quanto à linguagem. De qualquer forma, é interessante observar, na referida entrevista como na de Jece Valadão, as maneiras que a entrevistadora utiliza para prevalecer a perspectiva pessoal na construção do texto jornalístico sem fugir do intuito prescrito pela linha editorial da publicação.

Conclusão

Neste trabalho procurou-se analisar as entrevistas que a escritora Clarice Lispector realizou para *Fatos & Fotos/Gente* e a relação dessas com a própria revista, no sentido de constatar em que medida a entrevistadora Clarice compactua-se com a “linha editorial” da publicação. Para tanto, estabeleceram-se algumas direções a partir dos elementos já identificados em outros trabalhos: o modo peculiar com o qual Lispector se vale para realizar as 27 entrevistas e o resultado heterogêneo, sob determinada perspectiva, enquanto trabalho jornalístico; além do repertório teórico presente que sustentasse essas primeiras considerações. Nesse sentido, foram selecionadas as entrevistas com Rubem Braga, Jece Valadão e Flora de Morgan Snell.

A escolha do cronista Rubem Braga para análise deveu-se a sua

representatividade no que se pode denominar como perfil de “amigo-entrevistado” de Clarice, no qual a entrevistadora elogia seu interlocutor através do texto, realizando-lhe perguntas com teor de intimidade. A entrevista favoreceu o entrevistado, como se estivesse “levantando a bola” do mesmo. Tendo em vista esses subsídios, constata-se o primeiro tipo de conversa, no qual, a partir do pressuposto teórico utilizado – a entrevista de Carlos Heitor Cony para Carla Mühlhaus –, a Clarice entrevistadora parece manter interesses afins, mesmo que inconscientemente, com a linha editorial da *Fatos & Fotos*.

Com o cineasta Jece Valadão, por sua vez, há outro tipo de entrevista, em que se observa perspectiva irônica por parte de Clarice ao realizar perguntas “polêmicas” e ao tecer os comentários entre parênteses, os quais sugerem para o leitor certa apatia da entrevistadora em relação ao entrevistado. Contudo, é preciso ressaltar que essas manifestações podem ser irreconhecíveis em primeiras leituras, de modo que se prevalece, pelo menos na mensagem oficial transmitida em sua totalidade, a valorização da figura do interlocutor, enquanto *personalidade*.

E, finalmente, quanto à conversa com a artista plástica Flora de Morgan Snell, a sutileza quanto à apatia de Clarice Lispector para com o entrevistado mostra-se de maneira mais perceptível do que no último caso citado. Na descrição de Flora, observa-se uma entrevistadora que procura, mediante recursos de linguagem – como a ironia –, “ridicularizar” a figura de sua interlocutora, além de elaborar perguntas que elucidassem esse intuito. As “sutilezas” figuram-se tão evidentes a ponto de se contrastar dois pontos de vista: o de *Fatos & Fotos*, que, nos espaços simbólicos disponíveis (linguagem e imagem), procuram elevar a artista, anulando, supõe-se, o sentido irônico empregado por Clarice; e, é claro, o da entrevistadora, o qual intenciona criticar a figura dessa entrevistada, conforme se afirmou.

Considerando os casos mencionados, conclui-se que Clarice Lispector entrevistadora não compactua totalmente com a linha editorial da revista em questão. Foi interessante notar, também, as maneiras utilizadas por Clarice para demonstrar essa discordância em relação ao perfil do entrevistado e às declarações realizadas pelo mesmo.

Referências

- CUNHA, Marcos Vinício Idelfonso. Entrevista concedida a Aparecida Maria Nunes, Paulo Felipe Costa e Silva e Vanessa Araújo Maganhoto Matos. Rio de Janeiro, out. de 2011. Registro digital (1h43min57seg).
- DONDIS. Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- HABERT, Nadine. *A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. São Paulo: Ática, 1996.
- LISPECTOR, Clarice. *Clarice na cabeceira – Jornalismo*. Aparecida Maria Nunes (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- LISPECTOR, Clarice. *De corpo inteiro (entrevistas)*. Profa. Dra. Marlene Gomes Mendes (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. *Entrevistas*. Claire Williams (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- LISPECTOR, C. *Fatos & Fotos/Gente*, Brasília, n. 818, 25 abr. 1977. pp. 42-43. Entrevista.
- LISPECTOR, C. *Fatos & Fotos/Gente*, Brasília, n. 827, 27 jun. 1977. pp. 58-59. Entrevista.
- LISPECTOR, C. *Fatos & Fotos/Gente*. Brasília: n. 843, 17 out. 1977, pp. 46-47. Entrevista.
- MEDINA, Cremilda. *Entrevista – o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1995.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Summus, 1988.
- MELO, Chico Homem de. *O design gráfico brasileiro: anos 60*; Chico Homem de Melo (Org.). São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.
- MÜHLHAUS, Carla. *Por trás da entrevista*. / Carla Mühlhaus; [entrevistados] Ana Arruda... [et al.]. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.